

## A crise de trabalho

Ocorre-nos perguntar se o governo do sr. Vitorino Guimarães ainda não teve tempo de começar a occupar-se da crise de trabalho. O governo do sr. José Domingues dos Santos fez promessas e a isso limitou, a bem dizer, a sua acção. No entanto, sempre se mexeu e mostrou interesse pelo problema, estando, ao que parecia, disposto a enfrentá-lo quando o derrubaram. Mas o governo do sr. Vitorino Guimarães é que não tem feito, nesse sentido, positivamente nada.

Quando tomou conta do poder declarou que ia seguir as pisadas do governo anterior. Parece que por ter encontrado apenas ténues vestígios das passadas que neste sentido deu o governo do sr. José Domingues dos Santos, o certo é que não tem feito coisa nenhuma, a não ser deportar operários, que é a única ideia que ele tem no cérebro para manter a ordem, como se ela não estivesse mais assegurada com medidas económicas e o bem-estar geral.

Tem o governo todas as autorizações de que precisa para assegurar a ordem e os créditos necessários para a aplicação de quaisquer medidas que julgue conveniente tomar. Que o governo entenda que essas autorizações não podem restringir-se apenas às de repressão penal do último movimento é fora de dúvida, visto que já tomou resoluções, e muito bem o fez, a respeito da lei do inquilinato e do preço do pão. A crise de trabalho é incontestavelmente um assunto de natureza idêntica e que pela sua importância e carácter geral atinge uma massa enorme da população, devendo atrair as atenções de quantos se interessam pelo restabelecimento dum relativo equilíbrio económico, única forma de se poder obter progressos de ordem material.

Pensou por acaso o governo nisto? Note-se que se assim dizemos isto é porque se dá a circunstância de o Estado, e portanto o governo, deter uma grande parte dos elementos de trabalho: estradas, portos, vias férreas, escolas, outros edifícios públicos, onde se poderia empregar a actividade dos operários, independentemente das indústrias que poderão ter um desenvolvimento que, por vezes, é tolhido pelo próprio Estado. A crise de trabalho depende, pois, em grande parte, da própria acção dos governos.

## A repressão búlgara

### A loucura homicida atingiu os seus máximos limites

SOFIA, 11.—A policia tem continuado a prender muitos comunistas estando já de posse dos planos da conspiração agrária-comunista. Quando foi preso o advogado Georgiaki, foram-lhe apreendidos no seu domicílio muitos documentos comprometedores, donde se depreende que aquele advogado era o chefe das organizações secretas da Macedonia.

Foram também presos vários membros das sociedades secretas do norte que confessaram que se utilizaram de muitas centenas de agentes de propaganda, tendo distribuído a cada um deles quantia correspondente a 50.000 escudos.

## Perseguições aos comunistas franceses

PARIS, 11.—Foram feitas buscas domiciliárias em vários pontos desta capital, na residência de comunistas conhecidos, tendo sido apreendidos documentos de importância, revelando a existência dum plano geral para promover a perturbação da ordem pública.

## O regresso de Trozky a Moscú

REVAL, 11.—O comité central executivo da República dos Soviéticos tendo permitido o regresso de Trozky a Moscú deu-lhe um cargo nas organizações económicas que têm a sua sede na capital. Apesar de Trozky contar muitos inimigos, a sua vinda para Moscú foi em geral bem vista.

## As deportações

### Os protestos do operariado vão aumentando de intensidade

O operariado continua a protestar enérgicamente contra a odiosa resolução do governo que arremessou um punhado de operários, sem julgamento, para Angra do Heroísmo.

Neste momento em que as forças reaccionárias, cheias de rancor pela derrota sofrida, meditam contra o proletariado a pior das vinganças, o governo não podia servir melhor esses reaccionários do que deportando aqueles que nos momentos de perigo se prontificam a dar a vida para defender essa república que para aí está.

Têm sido bem eloquentes esses protestos. Dêles não se pode desprender qualquer solidariedade para com «legionários» que fazem assaltos. Êtes significam apenas a total discordância desse processo de fazer justiça que, quando usado para com os legionários, seria arbitrário e que recairia sobre trabalhadores honestos mais odioso, mais revoltante se torna.

Cresce a indignação do povo trabalhador contra as deportações. Os protestos isolados vão-se juntando e já formam rumor. Breve se transformarão num clamor unânime—porque só com grande esforço e dispêndio de energias se consegue chamar a atenção dos governos para os crimes que praticam.

Contra as deportações de operários, sem julgamento, mandadas efectuar pelo governo, protestaram o Sindicato Unico da C. Civil de Sintra, o Núcleo de Juventude Sindicalista de V. N. de Gaia, que apoiará a F. J. S. em qualquer acção que intente, e o Sindicato Unico dos Chapeleiros de Braga, que secundará qualquer movimento, por elas motivado, que a organização operária leve à prática.

### S. U. da classe têxtil do Porto

Na sessão comemorativa do 1.º de Maio que esta colectividade efectuou, na qual usaram da palavra, entre outros, os camaradas Alvaro Alves de Carvalho, Antonio Alves de Sá e Miguel Pinto Moreira—foi por unanimidade, aprovada uma moção com as seguintes resoluções:

1.º Tornar público o nosso mais veemente protesto contra a ideia de deportar operários pelo único crime deles professarem ideias de emancipação humana;

2.º fazer chegar o nosso protesto às mãos do governo, condenando-o pela arbitrariedade, enquanto ficam em liberdade os autores da revolta da Rotunda, no dia 18 de Abril;

3.º Dar todo o nosso apoio moral aos presos por questões sociais, vítimas dos governos e das influências dos sicários da União dos Interesses Económicos.

### Litógrafos do Porto

Na sua última reunião da direcção, foi aprovado um protesto contra a forma verdadeiramente iníqua e revoltante como o governo está procedendo para com as classes operárias, que, sem provas algumas, existem contra o habilitar a uma tal violência.

A Associação de Classe dos Litógrafos do Porto, ao mesmo tempo que formula o seu enérgico protesto contra a atitude criminosa do governo, que assim tão ridícula e vergonhosamente se coloca para ultrajar camaradas nossos só pelo prazer de, sub-servientemente, agredir as chamadas forças vivas—dá a sua completa adesão moral material a qualquer movimento que a C. G. T. ou a U. S. O. possam vir a iniciar no sentido de se conseguir a libertação imediata desses camaradas.

### Núcleo J. S. do Porto

Este organismo juvenil, em face da monstrosidade perpetrada por um governo soidisant esquerdista, o qual como recompensa para quem soube heroicamente defender a República de um momento de perigo como o de 18 de Abril, tem criminosamente deportado operários sem qualquer responsabilidade fundamentada—não podia deixar de levantar bem alto a sua profunda indignação contra o tático e governativo apoio dos poderes constituídos à horda reaccionária agrupada na U. I. E. e à ditadura à Rivera e a Mussolini que ela teve e tem—em vista implantar em Portugal.

Sendo assim, na reunião da sua Comissão Administrativa de sexta-feira passada, aprovou-se uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Exigir do governo o imediato regresso daqueles operários deportados sobre os quais não pese alguma acusação comprovada—não esquecendo porém que aqueles que tal se constata, não devem ser deportados sem prévio julgamento;

2.º Incitar a mocidade sindicalista revolucionária do Porto a agir, por todos os meios aos seu alcance, contra as ameaças do governo e, ao mesmo tempo, a conservar-se vigilante em face das perseguições;

3.º Apoiar todos os movimentos de carácter nacional que nesse sentido a F. J. S. e a C. G. T. venham a realizar;

4.º Oficiar à central do operariado português a necessidade que há de A Batalha levantar uma campanha enérgica, intensa, no sentido da libertação das vítimas governamentais.

## Centro Comunista Libertário do Porto

A Comissão Administrativa deste Centro resolveu na sua última reunião, sem que isso represente solidariedade com actos de banditismo, lavar o seu veemente protesto contra a deportação de operários honestos sem julgamento, aconselhando todos os libertários a estarem de sobreaviso contra novas perseguições.

## Uma interpretação errada?

### Duas palavras sobre sindicalismo

E' muito frequente ouvir-se dizer, a propósito de ideias, de pensamento, teorias ou doutrinas, que se está seguramente senhor da Verdade como se esta fosse alguma coisa comparável a qualquer objecto decorativo que se põe numa estante em nossa casa.

E succede que, quando se pensa assim, muita vez se afirma negando e se nega afirmando, num paradoxo tão inconpreensível, que a gente perde-se e afunda-se sem atingir com a Razão.

Uma verdade subjectiva pode haver, por certo, entre o facto que a memória regista e liga à nossa consciência, e que se traduz por sinceridade; porém como um princípio exacto, quando esse princípio não passa de uma hipótese ou duma teoria, é uma afirmação tão arrojada e tão ridícula que bem pode significar toleima ou obsessão.

Concebe perfeitamente que se afirme sinceridade ou convicção em abono do que pensamos, mas não que se diga—A minha opinião consubstancia-se inteiramente na Verdade.

Isso origina dois males: Ou prender as locuções do pensamento à afirmação feita, quedando estáticos, ou contradizer-nos continuamente numa incoerência e confusão que toca as raízes.

É precisamente porque há uma deplorable confusão que pouco abona a clarividência ou o respeito e justiça com certos princípios assás melindrosos e graves devem ser tratados, da parte de alguns camaradas, eu peço vênha para dizer algo de que não estou em erro, como vós judiciosamente, suponho, ireis apreciar.

\* \* \*

Há um profundo e estranho erro de análise teleológica da parte de muitos que dissertam sobre sindicalismo e que consiste, o que é o grande mal originário de toda a confusão, em tomar o efeito por causa.

O que vem a ser o Sindicalismo? Sinteticamente isto apenas: A expressão prática e permanente, mais ou menos interesse, da luta de classes.

O modo especial, detalhado, como a luta de classe se manifesta depende simplesmente dos factores de ordem económica, moral, política, jurídica, etc., que influem na vida operária. As necessidades constantes são a hélice de todo o movimento operário, sindical e determinam a consequente evolução em resultado de toda a experiência e melhoria gradual pela qual se atinge a perfeita consciência da luta de classe, ou seja, a mentalidade sindicalista. Surge então um objectivo futuro absolutamente sentido e deduzir dos fenómenos antecedentes e consequentes—a emancipação dos trabalhadores—cujo eixo principal—igualdade económica—gira entre dois polos: Individualidade e colectividade.

Mas este raio de evolução, partindo do simples para o composto, de baixo para cima e de dentro para fora, dinâmico, intermitente, apresenta o sindicalismo como uma acção e não como uma doutrina. A doutrina é a consequência, o efeito se não a causa da própria acção sindical que tem o seu princípio informativo puramente incógnito no desejo e no sentir das massas. O conjunto dessa acção, a história de todo o movimento e o resultado do método experimental é que forma o corpo de doutrina, a qual não pode surgir nunca exclusivamente *a priori*. Ora se esta doutrina é apenas, por assim dizer, a biografia do sindicalismo, se ela é apenas o apanhado metódico de todo o movimento pretérito, como é que ela se pode impor como guia mental do presente e futuro? Não... Isso seria um dogma, seria tolher a dinâmica e a evolução sindicalista; seria tornar a organização num poder estático, inamovível, contra o que a nossa consciência se deve opor.

Eu não posso conceber que para se defender um ponto de vista que é ditado, às vezes, por um sentimento ou para servir um fim anarquista, se invoque estatutos, teses, resoluções de congressos, etc., em virtude das quais se não pode tomar esta ou aquela decisão. Isso é a negação da nossa independência e voluntariedade, é ofuscar a nossa mentalidade e diminuir o valor do próprio ideal anarquista.

E' pelo receio de ficarmos comprometidos, pelo receio de perdermos terreno? Vamos. Mas se assim é, parece que estamos pouco seguros do terreno que pisamos!

Não basta a nossa inteligência e a nossa razão para assegurar um direito, sendo necessário remi-lo no ditame impessoal, inadaptável, muita vez, do estatuto?

Se todas as disposições se comportassem num método ou estatuto, bastaria para assegurar a vida de toda a organização simplesmente comissões ou juntas executivas, não sendo necessário o apelo contínuo à apreciação e deliberação da assembleia.

Há evidentemente linhas gerais, conceitos, princípios básicos, que marcam o contorno geral da zona em que o movimento gravita, mas não de tal modo inflexíveis que manietem inteiramente a acção sindical.

Se por ventura encerrarmos hermeticamente essa acção em óvulos de princípios absolutamente rígidos e uniformes sucede que as massas, pela convulsão intrínseca que as agita e faz vibrar, rompem o continente e surgem à luz do dia em manifestações tão desordenadas e impetuosas, como lavas dum vulcão que se perdem pelos sulcos sinuosos das encostas, de forma que se lhes não pode opor um dique, sendo muito difícil ou mesmo impossível, depois, ligá-las e concatená-las num sentido comum e de utilidade geral.

Dirão muitos camaradas—Sim, sim... assim é de facto o sindicalismo; mas para que ele seja revolucionário é indispensável que os anarquistas o animem, etc.—Qual história? A intensidade revolucionária despenda das próprias condições e necessidades da luta.

Não nego aquela influência, é verdade; como não nego também a influência marxista.

Nisto se baseia e depende: Do materialismo histórico e da ideia de liberdade, pela qual se depura e personifica. Mas todas as influências extrínsecas vão desaparecendo para dar lugar a noção da sua própria personalidade. Entra então no período que se pode designar de maior idade. Adquire então toda a capacidade moral e política e é neste estado ulterior que se pode dizer que se basta a si próprio.

Uma afirmação incongruente se faz a miúdo, quando se pretende manter a neutralidade e independência da C. G. T.—De que a frente única está feita por sua natureza.

Essa frente, porém, sendo apenas orgânica, não comporta a mentalidade revolucionária indispensável a toda a acção específica contra o Estado e suas modalidades nem dispensa a conveniente e particular preparação.

Rigorosamente, em matéria de sindicalismo, e dentro daquele conceito apolítico, não há possibilidade de definição e escolha entre as diversas fases políticas do Estado actual, como succedeu no último movimento revolucionário. Nessa conformidade a organização está absolutamente impedida de se pronunciar sobre as flutuações da política contemporânea do Estado burguês, visto que, segundo a carta que lhe foi outorgada, tem por objectivos imediato e mediato a luta contra o Estado e Capital e o estabelecimento do Estado proletariado. Isto é: Emancipação dos trabalhadores.

Ora nós não podemos também aceitar este conceito exegético, que reduz a um puro amorfismo.

Compreende-se que a organização, a C. G. T., não pode alhear-se inteiramente de qualquer movimento político que lhe possa interessar, quando mais não seja, pelos seus efeitos de ordem económica.

Sendo assim é necessário encerrar as coisas com o maior senso prático, com a mais perfeita e sentida noção da realidade, procedendo-se sempre consoante as circunstâncias e os momentos o determinem, sendo apenas essencial e primário, que ela não perca nunca a sua independência e autonomia.

Há objectivos em que todos podem estar de acordo. Quando assim sucede a acção pode ser comum desde que, previamente, e é quanto basta, se afirme e se registre que a ligação se estabelece unicamente para o fim proposto, e quando não possível, haja pelo menos entendimento mútuo para manter a unidade de acção a expender.

A matéria que está perfeitamente esclarecida e repudiada é a colaboração de classes. Todavia quando se estabelece ligação com quaisquer grupos ou partidos revolucionários, ou que pode, pelo menos, a acção especial, que vão exercer considerável influência e favorável ao operariado, embora políticos, não se faz, por esse facto, colaboração de classes; não se faz acção política, mas acção comum revolucionária.

Os indivíduos pouco importam, o que importa é a sua ideia ou a intenção que os move.

GONÇALVES VIDAL

## Notas & Comentários

### O que o berço dá...

O Seculo não esquecendo as suas arreliadas e detestáveis tradições de acusador de pessoas por delititos que elas nunca cometeram, accusou Luis Nunes Vidal de ludibriar o Estado, como agente de emigração clandestina. Accusou-o e publicou-lhe o retrato.

Luis Nunes Vidal não é agente de emigração clandestina pelos simples factos de ter falecido há 5 anos.

Nem, ao menos, os mortos escapam!

## A força do hábito

A Capital honrando, deste modo, os seus processos morais que fazem daquele jornal uma folha sem crédito, inseria sobre a conferência anarquista uma reportagem eminentemente falsa. De ponta a ponta é um fantástico conto azul, uma invenção mentirosa e parva. Mentiroso porque cai na mais ridícula das inverosimilhanças, parva porque reflecte o espirito de quem a escreveu.

Não damos à primeira vista pelo motivo que levou A Capital a publicar aquela série de patranhas. Os anarquistas não são o Banco Ultramarino, não são a Moagem, não são nenhuma das entidades que costumam ser vítimas das chantagens jornalísticas...

## O VESPEIRO MARROQUINO

### As perdas das tropas francesas

TANGER, 11.—As perdas das tropas francesas em virtude dos últimos recontros com os rifenhos são, na columna do coronel Freydenberg, 13 mortos sobretudo das forças indígenas e 120 feridos. A columna do general Colombat teve dez mortos e oitenta feridos.

As perdas dos rifenhos foram muito severas.

Os rifenhos continuavam recebendo reforços tendo chegado o chefe dos caídos do Djebel com uma importante «harca».

## Os espanhóis foram inesperadamente atacados

MELILLA, 11.—Forças rifenhas que se dirigiam para o Sul para reforçar as cabilas que combatem os franceses atacaram inesperadamente as linhas espanholas.

Dizem de Tanger que Abd-El-Krim ameaçou com energias represalias os indígenas da região francesa se estes não coudiuvarem as suas forças. O chefe rifenho enviou também algumas cartas a várias tribus pedindo reforços.

## Horário de trabalho

### O novo regulamento e a atitude do patronato

Publicou há dias o Diário do Governo o novo regulamento sobre o horário de trabalho que estabelece o regime de 8 horas. E' uma velha aspiração que desde há tempos algumas associações operárias vêm agitando.

Como era de calcular o patronato ofereceu-lhe resistência, procurando subtilmente fugir ao seu cumprimento, quando o operariado, esbulhado dessa regalia, a reclamava.

Entre os conflitos que se esboçaram nestes três últimos dias, destacamos o seguinte, sugerido entre o pessoal das oficinas de moldureiro e vidraceiro da firma «A Competidora» e o seu proprietário Pedro Gomes.

Quando o referido pessoal reclamou o cumprimento da lei foi-lhe respondido que ela seria cumprida. Porém quando chegou a sábado verificou que os seus salários foram reduzidos, e que em 8 horas ganhavam a mesma importância que anteriormente recebiam em 4 horas.

Trabalhariam, porém, mais duas horas que seriam, segundo a hábil operação deste industrial, pagas a dobrar. Depois das mesmas dez horas de trabalho os operários verificaram que os salários eram precisamente aqueles que percebiam antes da publicação do regulamento do horário de trabalho.

Como o leitor vê, este finório patrão ludibriou o seu pessoal roubando-lhe o salário o que lhe dava nas horas suplementares.

O pessoal é que não se conformou pelos ajustes e reclamou que lhe fosse pago em 8 horas de trabalho o que recebe actualmente em 10 horas. Se as necessidades de trabalho exigirem as duas horas suplementares deverão ser pagas a dobrar.

Como esta reclamação não fosse atendida aqueles operários declararam-nos ontem que não desistiram dos seus propósitos sem que justiça lhes seja feita.

## A Companhia do Gás continua pretendendo estabelecer o horário de 10 horas na sua oficina

Continuam os operários da «Central Tejo» a receber pelo preço ordinário as horas suplementares que ali trabalham, pois as Companhias Reunidas do Gás e Electricidade pretendem estabelecer nas suas oficinas o horário de 10 horas de trabalho.

Vários operários da «Central Tejo», que anteontem trabalharam e outros que hoje fizeram horas extraordinárias perguntaram ao engenheiro se esse trabalho extraordinário lhes seria pago a dobrar, de conformidade com o decreto sobre horário de trabalho, há pouco publicado, recebendo como resposta que a direcção ainda não dera ordens nesse sentido.

Têm os operários todo o direito a recusar-se a trabalhar horas suplementares, salvo casos de comprovada urgência, e a exigir o dobro da paga quando estes casos se dêem, mas, acima de tudo, têm o dever de não fazer horas extraordinárias a fim de não prejudicarem os camaradas da sua indústria, que lutam com falta de trabalho, porque também eles próprios virão, tarde ou cedo, a ser prejudicados com o seu erro.

## Metalúrgicos de Sintra

SINTRA, 8.—Continua uma parte do operariado deste concelho a desrespeitar o horário de 8 horas de trabalho, que tantas vidas custou já, salientando-se nesse desrespeito os metalúrgicos que estão trabalhando no Casino e em Gatamares, não se lembrando dos seus camaradas que nada têm que fazer.—C.

## A questão do desarmamento

### A Rússia foi afastada da discussão

GENEVA, 11.—Continuou a discussão da questão do desarmamento, tendo-se resolvido considerar atentamente a proposta dos Estados Unidos acerca do emprego dos gases asfixiantes embora se reconheça a dificuldade de se legislar sobre esse assunto, atendendo a que os gases asfixiantes podem ter também uma utilização industrial.

Vai ser discutida a proposta dos Estados Unidos que tenda impedir as guerras civis. Resolveu-se não tratar da questão da não participação da Rússia na conferência, mantendo-se o nome desse país na lista das nações, mas omitindo-o nas discussões, reservando-se assim o futuro.

## SEMANA DA CRIANÇA

### Será secundada, em Tires, a iniciativa da Associação de Professores de Portugal

TIRES, 10.—Entre os amigos da infância está despertando atenção a iniciativa da semana da criança.

Vai organizar-se uma comissão para, junto com o professorado e comissão escolar do concelho, elaborar o programa das festas a realizar aqui, contando já com o apoio do Sindicato Unico da Construção Civil e Grupo Dramático e Musical «Solidariedade Operária».

Também a professora sr.ª D. Isménia de Andrade convidou os pais dos alunos a uma reunião para tratar do assunto, dando os mesmos o seu apoio à iniciativa.—C.

## Os amigos da ordem

### As opiniões vulgares de alguns pacíficos ditadores de trazer por casa

Mais ou menos, toda a gente os tem aturado, toda a gente os tem visto na rua, nos cafés, na repartição, e até infelizmente nas oficinas. São os indivíduos de uma existência muito regular, de opiniões altas, de ideias poeirentas rodando como alcatruzes. Quasi sempre trazem engatilhadas velhíssimas frases emlatim.

— «Dura lex, sed lex».

Depois de afirmar a frase, com atitudes de ferrabraz, apoiando-se muito nas lições da história, aprendidas no Pinheiro Chagas, ou nas retumbancias dos artigos de fundo, os amigos da ordem, muito tranquilamente, fazem a apologia das ditaduras, clamam contra a indisciplina, percorrem a lista dos políticos em evidência, à procura dum tirano, e rematam toda a compacta exposição berrando:

— «Ordem! A ordem!»

Quem os ouve falar, através do buraco duma fechadura, quando eles ao jantar, manifiesto da política, transformam a família num auditório de sessão solene das definições bancárias, julgará tratar-se dum fanático agente de autoridade, com um pesado cinturão carregado de cartuchos e uma metralhadora atrás da porta, prestes a abafar em sangue qualquer insolente candidato a rebeldia.

Afinal, o amigo da ordem, é um cavalheiro panchado, que desce a escada vagarosamente, gemendo com as ferozadas da gota, e que ia perdendo a hora da entrada na repartição porque esteve entretido a mudar a alista ao pintasilgo.

A sua vida é sempre igual, apertada no colete de forças do dever, da honra, da dignidade, da obediência aos mais sagrados princípios que impingem as gazetas dos sanguessugas da saúde de seus filhos.

Ele não dá por isso.

Quando é muito apertado pela lógica contudente de um amigo, ele exclama muito senhor de si:

— «Mas eu não tenho nada a ver com essas coisas. O meu dever é trabalhar, e não discutir. As discussões são para os políticos. Que me interessa que eles andem para a esquerda ou para a direita. A minha vida são os meus filhos, a minha casa. Façam lá as revoluções que fizerem, a minha em nada se altera. Eu nunca deixarei de precisar de estar à mesma hora na repartição. Portanto nada me interessa a política».

Estas palavras resumem todo um compêndio de velhacaria. Elas são o clichê obrigatório para fugir a explicações, quando os mariolões não lhes convém falar, quando não lhes convem manifestar uma revolta que as circunstâncias transmitem às próprias pedras do pavimento das ruas.

Porque esses cavalheiros, esses velhacos amigos da ordem, estes inocentes defensores da tirania, estes ingénuos panegiristas das ditaduras violentas, quando lhes parece, atiram à queima roupa, a todas as horas, a todos os momentos:

— «E' preciso meter na ordem. Isto já não vai com águas mornas. Enquanto não fustilarem meia centena de indivíduos, isto não entra nos eixos. Meia centena mesmo ainda é pouco. Para lição, com menos de duzentas cabeças cortadas o país não entra no caminho do progresso a que tem jus. E' o mal disto tudo é não haver uma mão rija que mande enforcar, para exemplo, uma enfiada de agitadores».

Nesta altura há sempre uma pessoa do auditório que pretende contemporizar:

— «Diabo. Mas as coisas não precisam chegar a esses extremos. Isso nem parece seu».

— «Qual história. Isto sem sangue não vai lá».

Os dois teimam. Fala-se das grandes sangueiras da história, a coisa acaba quasi sempre, como principiou a discussão, na escada do meu vizinho, amigo da ordem.

Na altura em que ele fazia a apologia da necessidade da violência, do derramamento de sangue, para lubrificação da máquina da ordem, alguém subindo a escada avisa:

— «O vizinho, quando for para baixo tome cuidado».

O amigo da ordem:

— «Ora essa, porque?»

— «Nem me quero lembrar. Isto me faz arrepios».

O amigo da ordem, muito trémulo, finge uma grande coragem.

— «Alguna bomba, não? E' o pão nosso de cada dia».

— «Não senhor, que ideia. E' um gato... coitadinho».

— «Um gato? Estava lá baixo no patamar, com uma perna esmagada; está a morrer. Pobre bicho... Imagine».

— «Cale-se! Cale-se! interrompe o amigo da ordem. Eu não posso ouvir falar dessas coisas. Se calhar, foi vítima dalgum desses patifes que nem querem que o país progreda com uma ditadura. E ainda o senhor diz que não devem ser mortos meia centena de indivíduos. Deviam matar mil... Pobre animal... Nem sei como hei de descer a escada, porque eu não posso ver essas coisas... Assim que falam em sangue, fico transtornado... Não posso ver... pobre animal».

São assim os amigos da ordem. Não vale a pena tomá-los a sério. Em vez de argumentos, o melhor é falar-lhes num gato morto. Ficam logo trémulos... Perdidos».

De modo que quando ouvirem um amigo da ordem, a melhor resposta é atirar-lhe com um rato morto, mesmo a fingir...

EDUARDO FRIAS.

## Contra a liberdade do ar...

LONDRES, 11.—O secretário de Estado da guerra comunicou que a Alemanha autoriza a continuação dos serviços aéreos Londres-Amsterdão-Berlim e Londres-Bruxelas-Colónia, mas que não permitirá a passagem sobre o seu território de aviões com destino a outros países.



## Explorados e exploradores

### As ideias luminosas dum merceiro e católico

Um farfante, fedendo a mirto e a chouriço e que se dá pelo nome de Afonso, rabiscou no jornal da gruta e das beatas um artigo insipiente, pretendendo defender e justificar o direito que os explorados têm de roubar os explorados.

Já se vê, o tal sr. Afonso vale-se de argumentos tão tolos, tão estupidamente parvos que mais parecem gizados por um merceiro do que por... um Afonso. Não lhe fica mal esta frase que, si, resume tudo: «A lavoura não connaît l'artisan» — o que vertido em português deve ser mais ou menos isto: pelo trabalho se conhece o artefice.

E agora passemos a analisar a obra do artefice:

Diz ele que a maioria dos ricos já foram pobres e que com inteligência tenacidade e boa administração que juntaram os bens que hoje possuem.

Ora o sr. Afonso ha-de ensinar-me com a sua inteligência, visto que a minha é muito indigente, como é que eu, auferindo quinze escudos diariamente, poderei fazer fortuna, depois de deduzir a importância que lhe hei-de dar em troca dos seus chouriços, do seu arroz e de todos os comestíveis que me fornece, acrescido do aluguer da sua casa e de tudo o necessário à vida. Deduzido isto, sem falar nas mil e uma coisas que eu preciso, o sr. Afonso verificará se ainda ficarei com algum dinheiro para o pé de meia. E' claro que o seu exame não manterá os créditos da sua apregoada boa administração. Certamente a sua omni ciência indicar-me-há, resolutamente, um caminho: roubar. Identica recomendação fez outro omni ciência do seu calibre ao Pereira da Rosa. E assim eu, de simples grom que sou, passarei a ser um senhor ilustre, com orgão na imprensa, acompanhando com bispos e gatinhos de alta cotação. Já vé o sr. Afonso no que se resume a inteligência, tenacidade e boa administração dos pobres que querem ser ricos.

Diz o referido sujeito que uma boa parte das fortunas que há em Portugal foram adquiridas no Brasil.

Devia acrescentar, o seu fanfarrão — e na Africa. Lá estão os negros e os escravos a trabalhar, sob o chicote ameaçador, para os aventureiros, para os homens civilizados que dos selvagens só se distinguem pelo espírito covarde e malvado que contrasta com a docilidade humilhante dos pretos — eternos escravos da quadrilha de bandoleiros de que certos Afonsos fazem parte.

«Não quero dizer que a situação do operário no geral seja desastrosa. Algumas das suas reclamações são justas e devem ser atendidas; mas está livre das inquietações que mortificam os grandes industriais, comerciantes e agricultores. Trabalha as horas que lhe marcam, recebe o seu salário e pode dormir sossegado. Não sucede assim com o grande industrial, comerciante ou agricultor».

Então — meu sábio ostipido — o operário está livre de inquietações? Quantos não ouvem, a toda a hora, a voz implorativa dos filhos pedindo-lhes pão e não têm para lho dar? Alguns nem sequer possuem uma envergadura para repousar o corpo magro e faminto que tu e os da tua laia exploram vilmente. E não tem inquietudes o operário? Como é grande a estupididade humana!

Não sucede assim com o grande industrial, comerciante, agricultor ou gatufo. E' claro que não sucede. Ele precisa pensar na forma como há de roubar melhor e mais proveitosamente o povo, o consumidor. Ele tem que estudar a maneira de diminuir o fidejussório dos seus escravos, de substituir, se possível, os seus músculos por máquinas. Ele tem tanto em que pensar...

«Muitas noites não poderá dormir sobre o peso das preocupações que o envolvem.» Olha a grande admiração! Pois pode lá dormir socadamente quem recusa uma esmola reles a um mendigo faminto, quem arredou abruptamente um espiado garoto que lhe pedia uma cédula?

E para finalizar o artigo he escreve o merceiro-católico Afonso esta ingenuidade:

«E porque é que os operários não fundam indústrias que administrem por sua conta e façam concorrência aos grandes industriais? Há aí associações de operários poderosas. Porque não libertam essas associações aos seus sócios das garras dos grandes industriais? Sem greves, sem revoltas, sem tumultos, pouco a pouco o podem fazer. Fundem fábricas, oficinas e estabelecimentos onde empreguem os seus sócios e assim os libertem da tirania capitalista. Querem grandes lucros numa empresa industrial sem se sujeitarem aos riscos do capital e ao peso da administração, não pode ser.»

Com que então, o meu ingénuo menino lembra aos operários que fundem indústrias por sua conta. Como se fosse possível germinar uma flor entre espinhos. Lá estavam tu e os teus para a destruição de vários modos e maneiras.

A indústria há de ser um dia pertença da colectividade quando o operariado, consciente do seu valor moral, criador e produtivo, a arrancar das mãos do capitalismo odioso e tirânico.

Havemo-nos de libertar do seu despótico império e com ele há de sosobrar a mentira católica, para que nas suas sotainhas não se abriguem sujeitos da tua laia!

## São Carlos

O JOCO SINAL DE ALARME está dando as suas últimas réguas para dar lugar a subir à scena a peça OS ANABATISTAS sexta-feira, em recita do illustre empresário Erico Braga.

**Teatro SEXTA-FEIRA, 15**

**São Carlos**

**RÉCITA DE ERICO CRAGA**

**COM OS Três Anabatistas**

**original de BISSE**

**tradução de MELO BARRETO**

**PROTAGONISTA LUCILIA SIMÕES**

## Um salvamento trabalhoso

Os bombeiros trabalham duas horas e meia para retirar uma criança dum buraco de 5 metros de profundidade

Às 18,45 horas de ontem foram reclamados os socorros dos bombeiros municipais para uma criança que caíra num buraco de cinco metros de profundidade na rua Mindello, que fica num bairro novo, em construção, na Estefânia.

Após longo da referida rua estão construindo uma muralha com cerca de 40 metros de comprimento e 5 de altura, que suporta um terreno da Quinta do Pinheiro.

O menor Alberto Ferreira Pico, 5 anos, tinha ido com seu primo, o menor Orlando Alfredo Ramos, outros rapazes e o soldado n.º 192 do 1.º grupo de administração militar, para a referida Quinta do Pinheiro, donde saltou para cima da muralha suportada pela barreira, onde existe um orifício desaguado.

O Alberto, não reparando no referido orifício, caiu da altura de cinco metros.

Os bombeiros empregaram todos os esforços para tirar a criança pela parte de cima, e não o conseguindo, abriram com picaretas e alavancas um buraco na muralha com metro e meio de diametro a toda a espessura da muralha, só assim conseguindo retirar a criança, ao fim de duas horas e meia de trabalho.

No local compareceu material dos quartéis 1, 2 e 3, de bombeiros municipais, sendo os trabalhos dirigidos pelos 1.º e 2.º comandantes, chefe de divisão Marcelino e chefe de secção Santos.

Quando o menor foi retirado do buraco, grande número de populares que assistiam aos trabalhos contidos por forças de policia e da G. N. R., romperam numa grande manifestação aos bombeiros, tendo sido os comandantes muito abraçados por pessoas de familia do menor, que moram próximo.

## Incêndios

Ontem depois das 10 horas, declarou-se incêndio em sacas de enxofre e a granel a bordo da fragata L. 1420 T. L. da Companhia Carvoeira, com sede Rua S. Julião, 194.

A fragata encontra-se atracada na muralha da Junqueira, descarregando o enxofre para o posto da Alfandega do Porto Franco.

O enxofre é da carga salva do vapor «Vila Nova», fundado na Cova da Piedade onde se encontra desde o dia 13 do mês de Abril p. p., dia que se manifestou o incêndio quando estava atracado na Rocha Com de Obidos. Estava empregado desde o dia 27 p. p., por conta da agencia Otto Weng.

Compareceu o material do Corpo de Bombeiros, dos Quartéis 1 e 10, empregando na extinção do incêndio duas agulhetas de auto-bombas.

O rebocador Shell desta Companhia, auxiliou à extinção com uma agulheta de bordo.

**Num depósito de algodão**

Pouco depois das 13 horas, declarou-se incêndio no depósito de algodão a granel na Fabrica de Xabregas, Beco dos Toucinheiros, Companhia Portuguesa de Algodão.

Reclamados os socorros dos bombeiros, compareceram rapidamente, aplicando na extinção do incêndio uma agulheta.

A origem é desconhecida.

Às 13 horas e 57 minutos, foi recebida na Estação Central Telefonica do Corpo de Bombeiros Municipais, por intermédio da rede publica, a comunicação de que havia fogo na Rua Augusta, na Casa Africana.

Para o local avançou o material dos Quartéis 1 e 8, dos Bombeiros Municipais, e pessoal superior desta corporação, por se tratar dum estabelecimento dos mais importantes da Baixa.

Foi verificado que não havia fogo, tendo sido a chamada devido a brincadeira de mau gosto.

Por averiguações procedidas pelo Comandante do Corpo de Bombeiros, obteve suspeitas de onde a participação tinha sido dada, tendo aquele Comandante já à policia de Investigação Criminal.

## OS QUE MORREM

José João Rodrigues

Foi imponente o funeral deste activo militante juvenil e ferroviário

Realizou-se anteontem, no Barreiro, o funeral do militante juvenil e actual tesoureiro do Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste, José João Rodrigues, irmão dos militantes juvenis Laureano José Rodrigues e João Moraes Rodrigues.

José João Rodrigues, que tinha 24 anos de idade e fora sócio fundador do Nucleo de Juventude Sindicalista do Barreiro, estava nomeado delegado ao 2.º Congresso Juvenil e devia, dentro de poucos dias, tomar posse do cargo de secretário geral do N. J. S. do Barreiro.

Foi um dedicado militante da causa revolucionária, auxiliando quanto podia a organização juvenil, pelo engrandecimento da qual trabalhou com afinco.

Gosava da simpatia de quantos com ele tratavam, tendo sido muito sentida, na vila, a sua morte.

O acompanhamento do funeral computa-se em quatro mil pessoas, tendo-se feito representar todos os sindicatos e colectividades do Barreiro.

De Lisboa fizeram-se representar a Federação Ferroviária, Nucleo da Juventude Sindicalista do Barreiro, Arsenalistas do Exercito, Federação das Juventudes Sindicalistas, O Eco do Arsenal e A Batalha.

Fizeram uso da palavra à beira da sepultura o camarada secretário geral do Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste, os representantes da Juventude e da dita Federação, da Federação Ferroviária, Miguel Correia, Franco Junior e Joaquim Figueiredo. Acompanharão ainda o funeral os bombeiros do pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e a banda da Sociedade Instrução e Recreio Barreirense.

Militante sincero, idealista correcto, deixa no Sul e Sueste e na Juventude uma vaga difficil de preencher.

### FALECIMENTOS

Vitimado pela tuberculose faleceu ontem na sua residência, rua do Castelo Pico, 16, 1.º, Americo Baptista, sócio da Associação dos Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa.

O seu funeral sai hoje, às 16 horas, da morada acima para o cemitério do Alto de São João.

Realiza-se hoje, pelas 9,30 horas, o funeral do «chauffeur» Pompeu Teixeira Nobrega, saindo do hospital de Santa Marta para o cemitério de Benfica.

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

### No Politeama

«A Aigrette» de Nicodemi, tradução de Mário Duarte e Alberto de Moraes, em festa de Amélia Rey Colaço

Quando a companhia de Vera Vergani esteve em Lisboa demos a nossa opinião acerca da peça de Nicodemi «A Aigrette», incluída no repertório do esplêndido grupo de artistas dramáticos que no Politeama realizou uma série de recitas memoráveis no espirito de todos os que se interessam pelo teatro.

Seria pois fastidioso reeditar a nossa apreciação. Com uma tradução rigorosa e literariamente bem feita de Mário Duarte e Alberto de Moraes foi a obra de Nicodemi levada agora à scena em festa artistica de Amélia Rey Colaço.

Amélia Rey Colaço é hoje das melhores figuras da scena portuguesa. Inteligente, artista de raça com uma grande intuição servida por uma sólida cultura mental, a interessante intérprete de Marianela, conquistou em curtos anos um público ilustrado que sabe bem apreciar os artistas que pelo seu talento conseguem impôr-se nos seus processos de representar. Amélia Rey Colaço, temperamento caracterizadamente artístico, imprimiu também às peças que representa no Politeama um cunho de bom gosto e de esmero decorativo que marcam de há anos no nosso meio tão pouco habituado a este refinamento estético.

Foi na «Aigrette» que Amélia Rey Colaço este ano se festejou e, sinceramente o dizemos, o seu trabalho nem sempre esteve à altura da sua reputação.

Num excesso de dramatização a distinta actriz sufocou certos pormenores tão preciosos no desenrolar da acção: Viveu com impetuosidade exagerada a personagem que incarnou, ao ponto de em certos momentos chocar o espectador pelo contraste flagrante de que a peça de Nicodemi não carece na sua gradação de sentimentos. Por isso o 3.º acto foi o melhor que Amélia Rey Colaço fez. Nele houve equilíbrio, sentimento e justiça. Alexandre de Azevedo que entra no 2.º acto foi exacto de atitudes e não perderia o desempenho se tivesse ferido menos a nota de sentimentalismo, deslocada do homem de negócios rígido e calculado que o papel marca. Raúl de Carvalho não conseguiu dar ao papel a fragilidade requirida, esbracejou sem compasso e desmanchou a composição própria da personagem. Emília de Oliveira melhor no primeiro acto do que no último. Muito sobriamente Teresa Taveira na «Duquesa». Os outros artistas correctamente, devendo especializar-se Alvaro de Almeida, num pequeno papel. A decoração do 1.º acto um tanto episcopal.

NOGUEIRA DE BRITO

### No São Luís

A festa de Avelino de Sousa

Com um programa de consagração do Fado, organizou-se um espectáculo de homenagem a Avelino de Sousa, poeta dedicado na feição popular e autor dramático apreciado.

Pelas suas qualidades, pelas suas aptidões de trabalhador infatigável, Avelino merece uma salvação sincera e nós não podemos deixar de tomar parte nela, também, porque sabemos o que vale o escritor e o amigo.

No espectáculo do São Luís, foram muito palmadas a Revista do Fado, da sua autoria e de Alves Coelho, os números de variedades, e as recitações confiadas a actores do teatro português, sendo também delirantemente aplaudido o grande guitarrista Carmo Dias e Lucinda e Lucília no acto dos Quintos «Leitura e escrita».

N. de B.

### Coliseu dos Recreios

Com anhia lírica — «Othello» de Verdi

Não nos foi possível assistir à estreia da Companhia de Opera, que devido à iniciativa de Ercle Casals, está dando alguns espectáculos no Coliseu dos Recreios. Com magua o dizemos, tanto mais que, pela informação que colhemos, a «Manon» teve uma boa interpretação correctissima. Foi portanto, com uma justificada ansiedade, que fomos ouvir o «Othello» segunda peça da temporada e em que se dava a coincidência de ser a «Manon» da véspera que desempenhava a parte de «Desdemona», da admirável partitura de Verdi, considerada ainda hoje uma obra prima da escola italiana.

N. de B.

### Coliseu dos Recreios

HOJE — às 20,45 (8 3/4) — HOJE

Ultima representação da opera do maestro Verdi

## OTHELO

Extraordinário successo da Grande Companhia de Opera Italiana

Magistral desempenho dos célebres artistas: Matilde Revenga, António Marquez, Victor Damiani, Alexandre Griff e Maria Gar

Maestro director EMIL COOPER

PREÇOS: CAMAROTES DE 1.ª, 117500; DE 2.ª, 57500; DE 3.ª, 27500; DE 4.ª, 17500; DE 5.ª, 7500; DE 6.ª, 3500; DE 7.ª, 1500; DE 8.ª, 750; DE 9.ª, 350; DE 10.ª, 150; DE 11.ª, 75; DE 12.ª, 35; DE 13.ª, 15; DE 14.ª, 7; DE 15.ª, 3; DE 16.ª, 1; DE 17.ª, 0,50; DE 18.ª, 0,25; DE 19.ª, 0,10; DE 20.ª, 0,05.

AMANHÃ — Penúltima e irrevogável apresentação do célebre barítono GALEFFI

Recita extraordinária com a admirável opera BARBEIRO DE SEVILHA

HOJE — às 20,45 (8 3/4) — HOJE

Ultima representação da opera do maestro Verdi

Extraordinário successo da Grande Companhia de Opera Italiana

Magistral desempenho dos célebres artistas: Matilde Revenga, António Marquez, Victor Damiani, Alexandre Griff e Maria Gar

Maestro director EMIL COOPER

PREÇOS: CAMAROTES DE 1.ª, 117500; DE 2.ª, 57500; DE 3.ª, 27500; DE 4.ª, 17500; DE 5.ª, 7500; DE 6.ª, 3500; DE 7.ª, 1500; DE 8.ª, 750; DE 9.ª, 350; DE 10.ª, 150; DE 11.ª, 75; DE 12.ª, 35; DE 13.ª, 15; DE 14.ª, 7; DE 15.ª, 3; DE 16.ª, 1; DE 17.ª, 0,50; DE 18.ª, 0,25; DE 19.ª, 0,10; DE 20.ª, 0,05.

AMANHÃ — Penúltima e irrevogável apresentação do célebre barítono GALEFFI

Recita extraordinária com a admirável opera BARBEIRO DE SEVILHA

HOJE — às 20,45 (8 3/4) — HOJE

Ultima representação da opera do maestro Verdi

Extraordinário successo da Grande Companhia de Opera Italiana

Magistral desempenho dos célebres artistas: Matilde Revenga, António Marquez, Victor Damiani, Alexandre Griff e Maria Gar

Maestro director EMIL COOPER

PREÇOS: CAMAROTES DE 1.ª, 117500; DE 2.ª, 57500; DE 3.ª, 27500; DE 4.ª, 17500; DE 5.ª, 7500; DE 6.ª, 3500; DE 7.ª, 1500; DE 8.ª, 750; DE 9.ª, 350; DE 10.ª, 150; DE 11.ª, 75; DE 12.ª, 35; DE 13.ª, 15; DE 14.ª, 7; DE 15.ª, 3; DE 16.ª, 1; DE 17.ª, 0,50; DE 18.ª, 0,25; DE 19.ª, 0,10; DE 20.ª, 0,05.

AMANHÃ — Penúltima e irrevogável apresentação do célebre barítono GALEFFI

Recita extraordinária com a admirável opera BARBEIRO DE SEVILHA

HOJE — às 20,45 (8 3/4) — HOJE

Ultima representação da opera do maestro Verdi

Extraordinário successo da Grande Companhia de Opera Italiana

Magistral desempenho dos célebres artistas: Matilde Revenga, António Marquez, Victor Damiani, Alexandre Griff e Maria Gar

Maestro director EMIL COOPER

PREÇOS: CAMAROTES DE 1.ª, 117500; DE 2.ª, 57500; DE 3.ª, 27500; DE 4.ª, 17500; DE 5.ª, 7500; DE 6.ª, 3500; DE 7.ª, 1500; DE 8.ª, 750; DE 9.ª, 350; DE 10.ª, 150; DE 11.ª, 75; DE 12.ª, 35; DE 13.ª, 15; DE 14.ª, 7; DE 15.ª, 3; DE 16.ª, 1; DE 17.ª, 0,50; DE 18.ª, 0,25; DE 19.ª, 0,10; DE 20.ª, 0,05.

AMANHÃ — Penúltima e irrevogável apresentação do célebre barítono GALEFFI

Recita extraordinária com a admirável opera BARBEIRO DE SEVILHA

HOJE — às 20,45 (8 3/4) — HOJE

Ultima representação da opera do maestro Verdi

Extraordinário successo da Grande Companhia de Opera Italiana

Magistral desempenho dos célebres artistas: Matilde Revenga, António Marquez, Victor Damiani, Alexandre Griff e Maria Gar

Maestro director EMIL COOPER

PREÇOS: CAMAROTES DE 1.ª, 117500; DE 2.ª, 57500; DE 3.ª, 27500; DE 4.ª, 17500; DE 5.ª, 7500; DE 6.ª, 3500; DE 7.ª, 1500; DE 8.ª, 750; DE 9.ª, 350; DE 10.ª, 150; DE 11.ª, 75; DE 12.ª, 35; DE 13.ª, 15; DE 14.ª, 7; DE 15.ª, 3; DE 16.ª, 1; DE 17.ª, 0,50; DE 18.ª, 0,25; DE 19.ª, 0,10; DE 20.ª, 0,05.

AMANHÃ — Penúltima e irrevogável apresentação do célebre barítono GALEFFI

Recita extraordinária com a admirável opera BARBEIRO DE SEVILHA

HOJE — às 20,45 (8 3/4) — HOJE

Ultima representação da opera do maestro Verdi

Extraordinário successo da Grande Companhia de Opera Italiana

Magistral desempenho dos célebres artistas: Matilde Revenga, António Marquez, Victor Damiani, Alexandre Griff e Maria Gar

Maestro director EMIL COOPER

PREÇOS: CAMAROTES DE 1.ª, 117500; DE 2.ª, 57500; DE 3.ª, 27500; DE 4.ª, 17500; DE 5.ª, 7500; DE 6.ª, 3500; DE 7.ª, 1500; DE 8.ª, 750; DE 9.ª, 350; DE 10.ª, 150; DE 11.ª, 75; DE 12.ª, 35; DE 13.ª, 15; DE 14.ª, 7; DE 15.ª, 3; DE 16.ª, 1; DE 17.ª, 0,50; DE 18.ª, 0,25; DE 19.ª, 0,10; DE 20.ª, 0,05.

AMANHÃ — Penúltima e irrevogável apresentação do célebre barítono GALEFFI

Recita extraordinária com a admirável opera BARBEIRO DE SEVILHA

HOJE — às 20,45 (8 3/4) — HOJE

Ultima representação da opera do maestro Verdi

Extraordinário successo da Grande Companhia de Opera Italiana

Magistral desempenho dos célebres artistas: Matilde Revenga, António Marquez, Victor Damiani, Alexandre Griff e Maria Gar

Maestro director EMIL COOPER

PREÇOS: CAMAROTES DE 1.ª, 117500; DE 2.ª, 57500; DE 3.ª, 27500; DE 4.ª, 17500; DE 5.ª, 7500; DE 6.ª, 3500; DE 7.ª, 1500; DE 8.ª, 750; DE 9.ª, 350; DE 10.ª, 150; DE 11.ª, 75; DE 12.ª, 35; DE 13.ª, 15; DE 14.ª, 7; DE 15.ª, 3; DE 16.ª, 1; DE 17.ª, 0,50; DE 18.ª, 0,25; DE 19.ª, 0,10; DE 20.ª, 0,05.

AMANHÃ — Penúltima e irrevogável apresentação do célebre barítono GALEFFI

Recita extraordinária com a admirável opera BARBEIRO DE SEVILHA

HOJE — às 20,45 (8 3/4) — HOJE

Ultima representação da opera do maestro Verdi

Extraordinário successo da Grande Companhia de Opera Italiana

Magistral desempenho dos célebres artistas: Matilde Revenga, António Marquez, Victor Damiani, Alexandre Griff e Maria Gar

Maestro director EMIL COOPER

PREÇOS: CAMAROTES DE 1.ª, 117500; DE 2.ª, 57500; DE 3.ª, 27500; DE 4.ª, 17500; DE 5.ª, 7500; DE 6.ª, 3500; DE 7.ª, 1500; DE 8.ª, 750; DE 9.ª, 350; DE 10.ª, 150; DE 11.ª, 75; DE 12.ª, 35; DE 13.ª, 15; DE 14.ª, 7; DE 15.ª, 3; DE 16.ª, 1; DE 17.ª, 0,50; DE 18.ª, 0,25; DE 19.ª, 0,10; DE 20.ª, 0,05.

AMANHÃ — Penúltima e irrevogável apresentação do célebre barítono GALEFFI

Recita extraordinária com a admirável opera BARBEIRO DE SEVILHA

HOJE — às 20,45 (8 3/4) — HOJE

Ultima representação da opera do maestro Verdi

Extraordinário successo da Grande Companhia de Opera Italiana

Magistral desempenho dos célebres artistas: Matilde Revenga, António Marquez, Victor Damiani, Alexandre Griff e Maria Gar

Maestro director EMIL COOPER









## A Conferência Anarquista de Lisboa

Inaugurou anteontem os seus trabalhos, tendo aprovado a criação dum comité local e dum Ateneu de Cultura Anarquista

Inaugurou-se ante-ontem a Conferência Anarquista de Lisboa, com a presença dum centenário de congressistas.

Cerca das 14 horas, Virgílio de Sousa, em nome da Comissão de Iniciação declarou aberta a sessão, passando à leitura da ordem de trabalhos que é aprovada sem discussão.

E' lido e aprovado o relatório da Comissão de Iniciação.

O Grupo Regeneração apresentou uma declaração divergindo, nalguns pontos, da comissão de Iniciação.

Eduardo Friaes declara que o movimento anarquista é acima de tudo um movimento de ideias. A luta económica compete aos sindicatos. Não acha declamatórias as teses sobre a moral revolucionária, a mulher perante o anarquismo, e o teatro social.

Almeida Marques, do grupo Regeneração discorda da realização de conferências locais por considerar que as reuniões periódicas são mais proveitosas e de mais fácil eleição. Recorda que na Conferência Regional do Centro fora deliberado que as conferências e congressos anarquistas nos trabalhos deviam ser apresentados como temas e não em forma de teses.

Virgílio de Sousa replica afirmando que as conclusões das teses não prejudicam a decisão tomada na Conferência Regional do Centro.

Passam a discutir-se as seguintes teses: «Organização, acção e propaganda anarquista», da Comissão de Iniciação, e um parecer do grupo «O Semeador» sobre a tese «Organização regional, federação e grupos» aprovada na 1.ª Conferência Regional do Centro.

Costa Vaz manifesta-se de acordo com a criação do Comité Local, entendendo que as adesões não devem ser exclusivamente individuais mas por grupos e por elementos agrupados. A acção do Ateneu de Cultura Anarquista deve, além da sua função cultural, contribuir para o estreitamento de relações entre anarquistas.

Eldio Santana discorda da formação de grupos por locais de trabalho.

Francisco Quintal e Almeida Marques apresentam um extenso parecer discordando da criação do Ateneu de Cultura Anarquista, considerando-a a negação dos grupos por afinidades. Entende entre outros coisas que a organização anarquista local deve ser composta por grupos de carácter local, de fábrica, de bairro, de carácter particular, ou especial e anarquistas isolados.

Romero defende o critério de que os centros de cultura anarquista devem ser compostos exclusivamente de libertários. Expõe o funcionamento desses centros na

Argentina e manifesta-se de acordo com Costa Vaz sobre o alargamento de funções do Ateneu de Cultura Anarquista.

Artur Cardoso entende que se não deve formar qualquer organismo que possa prejudicar o Ateneu de Estudos Sociais, actualmente em formação.

Virgílio de Sousa faz salientar as vantagens da existência das mulheres nas organizações e reuniões, contribuindo com a sua presença para melhorar o meio social.

A acção do Ateneu de Cultura Anarquista não prejudicará o Ateneu de Estudos Sociais, pois este último é consagrado especialmente ao estudo do movimento sindical.

Francisco Quintal defende o critério de que a organização anarquista deve restringir-se ao mínimo.

Eduardo Friaes propõe que a discussão seja dividida em duas partes: a primeira de organização geral e a última sobre centros de cultura.

Fontanilla entende que os centros de cultura devem ter uma característica nitidamente anarquista, citando em reforço da sua opinião vários factos passados em Sevilha, Huelva e Barcelona.

Alvaro Monteiro é partidário da constituição de grupos por sindicatos que julga mais viáveis do que os grupos por afinidades.

Manuel Peres opina no sentido de que as funções propostas para o comité local sejam entregues ao comité da Federação do Centro.

Friaes diverge dos grupos por sindicatos acentuando a necessidade de personalizar o movimento anarquista.

Santos Arranha defende a criação do Comité Local.

Falam ainda Brígido e Moedas, sendo a sessão suspensa pelas 18.30.

Reaberta a sessão, às 21 horas, prossegue a discussão dos trabalhos sobre organização falando, entre outros, Costa Vaz, Manuel Peres e Virgílio de Sousa.

E' aprovada uma moção de Costa Vaz no sentido de que o comité local possua a característica duma federação local, fazendo-se a adesão a esse comité do mesmo modo por que é feita à U. A. P. e F. A. R. C.

Depois de varios conferencistas se terem pronunciado sobre a criação do Ateneu de Cultura Anarquista é aprovada uma moção de Silva, pela qual fica constituído aquele organismo com a função de também promover a criação de centros de cultura social destinados a simpatizantes.

A sessão foi a seguir encerrada, no meio de grande entusiasmo.

A conferência prossegue hoje.

## A questão dos fósforos

O pessoal operário reclama a mobilização das fábricas

A magna questão dos fósforos está assumindo um carácter bastante grave.

Tendo cessado em 25 de Abril o contrato entre o Estado e a Companhia dos Fósforos o pessoal operário, em numero de 1500, ficou desde essa data sem trabalho.

Variações demarches lhe vem realizando, por intermédio duma comissão, junto do governo e parlamento sem que qualquer resultado positivo tenha conseguido das suas diligencias.

Promessas e mais promessas têm sido feitas à comissão referida, tanto pelo ministro das Finanças como por alguns parlamentares. Mas a verdade é que, a pesar de já terem decorrido algumas semanas a situação daqueles 1500 homens ainda se não modificou, razão porque as suas famílias atravessam uma existência assaz penosa.

Uma numerosa comissão do referido pessoal de Lisboa e Porto procurou-nos ontem nesta redacção para, por intermédio de A Batalha, exteriorizar a sua indignação contra o desprezo que o parlamento e o governo vêm votando à sua situação.

Disseram-nos os comissionados que se o governo não encontrar melhor solução, deve de pronto mobilizar as fábricas de forma a provocar a sua rápida reabertura que muito viria aliviar a situação dos sem trabalho.

Aqui deixamos exarados os seus desejos que, segundo nos disseram, são o sentir da classe que representam.

## EM FARO

O Sindicato mobiliário readmitiu o antigo militante João Humberto Matias ratificando-lhe a sua confiança

FARO, 10.—O militante João Humberto Matias, irradiado do Sindicato Mobiliário em consequência da sua atitude na greve da casa Nobre, acaba de ser readmitido em assemblea do mesmo organismo que lhe ratificou a sua confiança.

A referida assemblea, especialmente convocada para o assunto, reuniu com grande numero de sócios, tendo a ela presidido Adolfo Lima, secretariado José Neves e Francisco Ruivo.

Depois do presidente se referir aos fins da reunião, usaram da palavra Camilo Tavares, Luciano Lázaro e José Esteves, que defenderam o regresso de João Matias no Sindicato não só por ser um acto de justiça como ainda pelas vantagens que a sua co-actuação pode trazer para o organismo de que fazem parte.

Pelo primeiro foi apresentada a seguinte moção:

Considerando que a organização operária carece de militantes, e particularmente a do mobiliário, da qual faz parte João H. Matias;

Considerando que este camarada se encontra afastado da organização por um facto já passado em que o mesmo se encontrou envolvido;

Considerando que este acto pode ser tido como um acto de fraqueza momentânea, determinado por um passado de perseguições por parte do patronato de Lisboa que negava trabalho, assim se explicando a sua fraqueza num momento de luta e em que vislumbrou a possibilidade de trabalhar permanentemente.

Considerando que, no entanto, aquele camarada se tem portado digno e altivamente em face do patronato de Faro, após aquela momentânea fraqueza, como na época anterior, não só em Faro como em Lisboa, onde sempre exerceu a profissão;

Considerando, pois, que o seu procedimento posterior o torna digno da consideração da classe e deste sindicato;

Considerando mais que o mesmo camarada muito bem poderá contribuir para o engrandecimento deste sindicato e da própria organização local e mesmo da de toda a região algarvia, desde que regressasse ao trabalho, e lhe seja restabelecida a devida consideração, para bem poder prestar o seu desinteressado concurso numa obra colectiva de emancipação operária;

Considerando finalmente, que é necessário proporcionar-se condições àquele camarada para que se possa demonstrar o seu desinteresse e sinceridade por actos de adentro da colectividade, que o possam definitivamente tornar digno como digno foi no passado;

A Assembleia do Sindicato U. dos Operários da Indústria do Mobiliário de Faro resolve:

1.ª—Readmitir como sócio da colectividade o camarada João Humberto Matias.

2.ª—Restabelecer a sua confiança ao mesmo camarada exigindo-lhe simplesmente um activo, leal e sincero concurso em todos os trabalhos colectivos para o bem da Classe e da restante organização operária.

3.ª—Comunicar à F. da Indústria do Mobiliário e à U. S. O. de Faro, esta resolução enviando as mesmas cópia deste documento para que publicamente toda a organização portuguesa tome conhecimento desta deliberação.

Falaram sobre este documento alguns camaradas, sendo em seguida aprovado por unanimidade.

A mesma assemblea também se ocupou do aumento da cota sindical, ficando resolvido elevá-la para \$60 semanais.—C.

**Os conservadores japoneses entraram na cadeia**

TOQUIO, 11.—Como implicados no complot visando o chefe do governo foram presos todos os membros do directório do partido nacionalista.

**A cura das doenças pelas plantas**

3.ª edição—Preço 2\$00, pelo correio 2\$30. Pedidos a administração de A BATALHA.

## FUNCIONALISMO PÚBLICO

Em face da questão que actualmente se debate no meio proletário português e pela forma como os aumentos lhe têm sido concedidos urge definir a sua posição

Agora, que mercê de um facto natural e simples conquanto de futuro possa e venha a ter mesmo grande e inegável importância, os elementos mais em destaque do movimento proletário português, estão debatendo nas colunas do nosso porta-voz e nas reuniões do conselho confederal, um assunto a todos os títulos interessante e digno da maior ponderação, (o da posição da C. G. T. num provável conflito conservador) não deixaria de ser conveniente que o funcionalismo se seguisse o desfecho desse interessante debate e se preparasse para finalizado ele, definir também a sua situação, em face dos conflitos que assoberbam a sociedade; e isto, porque ao funcionalismo como a todos aqueles que vivem única e simplesmente do produto do seu trabalho, se torna urgente e até necessário fazer essa definição. Sim, porque a pesar das arremetidas e preparações das forças conservadoras e fendinheiradas, a sociedade tem que infelizmente seguir caminho diferente do trilhoado até agora.

O facto inconsistente dum razoável numero se contentar com a afirmação de que não é fácil mudar a face ao velho mundo não é razão suficiente para se acreditar que assim seja, e não, porque por maior e mais audacioso que seja o espirito retrogrado e conservador das multidões, elas ao analisar que, desde os pobres e desprotegidos rurais, que ora torturados por um frio de enregelar, ora recreados por um calor que sufoca, até ao marítimo que afrontando mil e uma tempestades e em constante e rude combate com a morte, vivendo pobre e miserável, economicamente sujeito a um amo que nem um pinga de suor derramou sobre os campos de que eles arrancam o pão de cada dia que a humanidade saboreia, ou sobre os mares traiçoeiros e misteriosos de onde trazem as pedras preciosas que adornam e enfeitam o colo às languidas e luxuriosas damas, cuja mor preocupação, consiste em achar maneira de conquistar e enfeitar os nossos exploradores, tem que fatalmente concluir pela necessidade urgente de mudar de tática.

Indivíduos ainda existem e não poucos, a quem arripa ouvir falar numa tal mudança, pois julgam-na semelhante às das democracias autoritárias, onde a liberdade afoga o indivíduo. Mas não, não é como a desordem burguesa, onde o homem esmaga a humanidade: resume-se na proclamação dum ideal espontâneo onde o acordo de vontades e soberanias individuais disfarçam do bem estar criado pelo trabalho de todos sem exploração de nenhum.

Na efectivação duma sociedade onde todos tenham direito ao lauto banquete da vida, pois que todos contribuíram com os seus esforços e com a sua inteligência para a manufatura, a extração e criação dos grandes tesouros que enfeitam a grande mesa social.

O facto de o funcionalismo estar também neste momento quebrando um pouco as peias que o prendem a velhos preconceitos, para iniciar uma agitação que o conduza até à conquista da tão decantada como cobiciada equiparação, pode contribuir um tanto para esse desideratum, pois que se por um lado conquista mais um pouco de pão, por outro conseguirá mais um pouco de liberdade.

PAULO EMÍLIO

**Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade**

**CONSULTAS JURÍDICAS**

Hoje, pelas 21 horas, realiza o dr. Sobral de Campos a consulta jurídica a todos os operários confederados que delas necessitem, bastando para isso a apresentação da respectiva caderneta confederal em dia.

**Vila Nova de Gaia**

**Os socialistas despeitados excomungam os sindicalistas ao mesmo tempo que pretendem tê-los a seu lado**

VILA NOVA DE GAIA, 9.—Realizou o Centro Socialista de Mafamude uma sessão no dia 1.º de Maio, em que, entre outros, falou o sr. Luis Cândido Pereira, atacando os organismos sindicalistas—sindicatos e juventudes—em termos pouco admissíveis.

Ao mesmo tempo fazia publicar o mesmo centro, na imprensa do Porto, notas em que pretendia fazer acreditar estarem representados nessa sessão a maioria dos sindicatos operários de Gaia.

Quando muito, estaria lá representada a Liga das Artes Cerâmicas, organismo essencialmente reformista, porque os outros já se não deixam embalar pelas doces cantigas desses senhores.

E é isso que lhes dói, coitados!—C.

O Núcleo de Juventude Sindicalista de V. N. de Gaia protesta contra as falsas afirmações do Centro Socialista de Mafamude e de componentes seus.

**Feminismo**

Na próxima quarta-feira, e a bordo do Massilia, segue para Bordéus a distinta médica uruguia dr.ª Paula Luisi, que tem estado em Lisboa, acompanhada do seu pai. Dirige-se para Genebra onde vai tomar parte na Conferência Internacional do Trabalho como delegada do seu governo.

O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, que resolvera promover neste mês a Semana Feminista, adiou a realização destas sessões para o próximo mês de Junho, aguardando o regresso da dr.ª Adelaide Cabete que se encontra actualmente em Washington, América do Norte, representando o governo português no Congresso Internacional Feminista que se está realizando naquela cidade.

**SAPATEIRO**

Ajudante com prática de salto forrado, precisa-se: R. Sabino de Sousa, 64, 1.º esq.

## Vida Sindical

**C. G. T. Comité confederal**  
Reúne hoje, pelas 21 horas.

**C. S. T. L. (Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa)**

Reúne hoje, pelas 21 horas, a Comissão Instaladora.

**COMUNICAÇÕES**

**Profissionais da Imprensa.**—A direcção congratulou-se pelo êxito do festival desportivo, exarando na acta votos de agradecimento às entidades que para ele de alguma forma contribuíram. Lamentou a falta de oportunidade da publicação, num jornal da manhã, de 7 do corrente, dum documento, entregue muitos dias antes, no qual era dada lógica solidariedade a um jornalista desportivo, mas que não visava qualquer agremiação desportiva, muito menos o clube «Os Belenenses».

Tomou conhecimento do acolhimento feito ao seu pedido, pelo vereador da C. M. L., dr. sr. Alfredo Guisado, acerca do mausoleu destinado a receber os restos dos jornalistas falecidos, exarando na acta um voto de agradecimento a esse edil e outro ao proprietário do Hotel Coimbra, em Coimbra, pela concessão do desconto de 10%, nas diárias aos portadores da Carteira de Profissional da Imprensa.

**CONVOCAÇÕES**

**Federação Mobiliária.—Conselho Federal.**—Às 17.30 (saída das oficinas) para resolver sobre assuntos de extrema urgência.

**Federação Metalúrgica.**—Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

—Pelas 20 horas, a comissão organizadora do último congresso metalúrgico.

**S. U. C. C.—Secção dos Estudantes.**—Pelas 20 horas, em 2.ª convocação, a assembleia geral, para apreciar a conduta da comissão anterior, especialmente a do ex-tesoureiro.

**Manipuladores de Pão.**—Pelas 14 horas a comissão de melhoramentos. Convidam-se todos os cobradores que faltaram para comparecer à mesma hora para dar contas, devendo trazer todo o expediente.

**DIAS PRÓXIMOS:**

**Federação da Construção Civil.**—Reúne amanhã, pelas 21 horas a Comissão Administrativa da Federação em conjunto com a Comissão Administrativa de O. Construtor.

**Sindicato dos Profissionais de Imprensa.**—A pedido da direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, é convocada a reunião extraordinária da assembleia geral para amanhã, pelas 17 horas, a fim de tratar dos seguintes assuntos urgentes: discussão dos estatutos da «Caixa de Previdência do Sindicato» e autorização à direcção para adquirir o edificio destinado à sede social.

Caso a reunião não se efectue por falta de número, a assembleia deve reunir em segunda convocação no sábado pela mesma hora.

**S. U. Metalúrgica.**—Reúne na próxima quinta-feira a Comissão Administrativa e o Conselho Técnico.

**JUVENITUDES SINDICALISTAS**

**Núcleo de Lisboa.—Secção dos Anjos.**—Reúne a Comissão Executiva resolvendo prevenir os filiados que começa esta semana a fazer a cobrança, voltando a reunir hoje às 20 horas.

**SINDICATOS DA PROVINCIA**

**Chapeleiros de Braga.**—Reúne a assembleia geral, aprovando o relatório e contas da comissão administrativa, e nomeando a nova comissão que ficou constituída por: António Joaquim Ramalho, Manuel Fernandes e Artur Rodrigues, secretários geral, adjunto e administrativo; Domingos Ferreira Braga, tesoureiro; José da Silva Guincho, arquivista; e para a assembleia geral: Bernardo José Ferreira, presidente, e Eduardo Ferreira Braga, secretário.

Usaram da palavra Jerónimo de Sousa e Saúl de Sousa, delegados da C. G. T., apelando para que os operários se organizem.

**Construção Civil da Parede e arredores.**—Reúne em assemblea geral, resolvendo officiar à Sociedade Musical do Mortal, pela não cedência da referida sede, para efeito duma reunião referente ao 1.º de Maio, protestando a assembleia contra esse facto. Tratou também da questão das deportações que o governo está fazendo, sendo resolvido acompanhar os organismos centrais em qualquer movimento que venham a levar a cabo. Foi também apreciado o novo regulamento referente ao horário de trabalho que recentemente foi publicado no Diário do Governo resolvendo a assembleia que a melhor forma de se fazer cumprir o horário, é todos os camaradas conscientes estarem vigilantes, não se conformando com a acção policial neste assunto.

**Os sublocatários**

**Um explorador desumano**

Escrevem-nos relatando que o sr. José Maria, rua das Mercês, à Ajuda, 81 r/c, despediu o seu hóspede José Pitães, que tem mulher e três filhos menores, por ele não lhe ter podido pagar um aumento de renda exorbitante pelo quarto que lhe alugou. O referido operário, que está atacado duma doença incurável, foi recolher-se a uma padeira de Alcolena que serve de vasadouro de lixo.

Esta flagrante desumanidade mostra bem que o sr. José Maria é destituido de coração, como explorador sem escrúpulos de pessoas que vivem na mais crua das misérias.

**O SINDICALISMO EM MARCHA**

**Um sindicato misto em Loulé**

LOULÉ, 9.—Nesta localidade, onde ainda não existe organização operária, deve dentro em pouco organizar-se uma associação de operários de varias indústrias, esperando-se que dê a sua adesão à C. G. T.—E.

## Pró-«A Batalha»

Decorreram com brilhantismo as festas na Academia Filarmónica Verdi

Esta nossa camarada, pela sua idade e pelos conceitos com que recebeu as suas considerações, levantou nos ouvintes fartos aplausos ouvindo-se vários vivas à A Batalha e à organização operária.

Seguiu-se o grupo dramático do Clube Recreativo Os Choras, levando à scena o drama em 3 actos O proscrito, cujo desempenho esteve à altura dos esforços daquele punhado de rapazes.

Nos intervalos um ótimo grupo musical da Filarmónica Verdi executou alguns trechos de boa musica.

Como a Academia Verdi possui uma escola frequentada por 40 alunos, um grupo de crianças fez durante o espectáculo a venda duma flor, cujo produto reverteu para a referida escola.

Ficámos profundamente sensibilizados pelo carinho com que A Batalha foi recebida. Estas manifestações alieceram mais na alma dos trabalhadores o amor pelo seu órgão na imprensa e encorajam aqueles que nestas oficinas estão nas primeiras filas da barricada.

O exemplo do grupo de sócios da Academia Verdi devia ser seguido, pelas vantagens morais que daí advêm para a causa que A Batalha defende, que é a causa de todos os trabalhadores.

Decorreram com grande entusiasmo as festas promovidas por um grupo de sócios da Academia Verdi em homenagem à A Batalha.

Na sábado, pelas 21 horas, teve início o espectáculo com grande assistência subindo à scena o original de Manuel Langreira Amanhã, Novo Altar, de Bento Mantua, e Os Degenerados de Cruz de Andrade, cujo desempenho correcto foi feito pelos alunos da Escola Teatro «Araújo Pereira».

A 18 horas de domingo, António Almeida Henriques fez uma interessante palestra sobre o fado. Seguiram-se algumas canções cantadas por um distinto grupo de cultores cujos temas sociais e moralizadores levantaram do auditório uma prolongada ovação.

Almeida Henriques recitou a poesia O herói que agradou extremamente.

Virgínia da Conceição fez em seguida uma palestra sobre a vida de A Batalha e a situação do operariado, vergastando aqueles que pela sua inconsciência não a compreendem, referiu-se depois à loucura da mocidade pelo futebol, em prejuizo da sua educação.

## Organização juvenil

Val reorganizar-se o Núcleo de Messines

MESSINES, 9.—Em virtude da desorganização verificada no Núcleo de Juventude Sindicalista desta localidade e verificando-se existirem jovens dispostos a trabalhar pela causa revolucionária, António José Piolo, que aqui se encontrava, realizou a convite destes uma palestra que teve por resultado a constituição da comissão administrativa, a qual pertencerão: Octávio Nunes; Manuel Queiro, António Guerreiro, Pedro Machado e Francisco Cabrita.—E.

## O 1.º DE MAIO

Em Aljustrel

ALJUSTREL, 9.—Realizou-se no dia 3 de Maio uma sessão de propaganda sindical em que usaram da palavra Artur Cardoso e Francisco Viana, delegados da C. G. T., e António Alves Figueira.

Os oradores referiram-se à necessidade de os trabalhadores se organizarem, regosijando-se com a presença de bastantes mulheres e combateram a taberna e a igreja.

Foram aprovadas as moções da C. G. T.—E.

Em Sintra

SINTRA, 8.—Continua o S. C. Civil sem ter onde reunir.

Para comemorar a data de 1.º de Maio, pediu a cedência da sala do grupo de futebol, a qual lhe foi cedida e negada logo depois, porque os seus directores, sendo «crineiros», se assustaram com um manifesto do sindicato.

No entanto a sessão realizou-se na sala da Tuna.—C.

**As eleições municipais francesas deram a vitória ao bloco das esquerdas**

PARIS, 11.—Com o resultado do segundo escrutínio das eleições municipais, o novo conselho de Paris apresenta um ligeiro enfraquecimento da maioria do bloco nacional.

As eleições nas provincias decorreram com calma por toda a parte, tendo-se acentuado a inclinação para as esquerdas marcada logo no primeiro escrutínio.

Quasitodos as municipalidades pertencentes ao «cartel» antes das eleições, mantiveram as suas posições, especialmente em Lille, Roubaix e Strasbourg, e certo numero de câmaras passaram de moderadas para o «cartel».

A Alsácia apresenta também tendências para a esquerda.

**Secção telegráfica Federações**

**MOBIILIÁRIA**

**Sindicato de Coimbra.**—Recebemos officio o qual será submetido ao conselho de hoje.

**Sindicato de Faro.**—Idem, idem.

**Porto.**—Delegação Federal.—Idem, idem.

**A apoteose a Hindenburg**

BERLIM, 11.—Milhares de bandeiras com as cores imperiais appareceram hasteadas esta manhã em toda a Alemanha.

Nada menos de 75.000 membros de varias organizações patrióticas se postarão em ambos os lados do percurso que o marechal Hindenburg terá de percorrer, desde a estação à porta de Brandeburgo, na Avenida das Tilias.

**Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA**

1 volume de 400 paginas 1\$500  
Pelo correio 1\$650.  
Pedidos a administração de A Batalha.